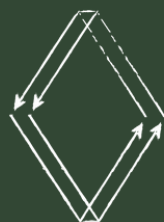


Caracas

(1980)



LOGOS
LACANIANO

EDITORIAL

Na década de 80 a América Latina passava por um período político intenso. A ditadura militar, que ainda vigorava em alguns países, golpes de Estado e crises econômicas compunham o contexto no qual Lacan desembarcou em Caracas em sua primeira e última visita a Latino América para uma reunião (conhecida como reunião de psicanalistas na América Latina) no hotel Hilton Caracas, organizada por Diana Rabinovitch no dia 12 de julho de 1980. A ocasião também contava com a presença de Jacques Alain Miller, Eric Laurent e outros que se reuniram com os psicanalistas latinos. O momento também traz consigo o anúncio do genro de Lacan como herdeiro de seu ensino.

O encontro é marcado por uma das frases que mais ecoam no campo da psicanálise até hoje: “Cabe a vocês serem lacanianos, se quiserem. Eu, eu sou freudiano.” O efeito dessa sentença produziu uma série de interpretações duvidosas que seguiam apontando sem muito questionamento para o ensino lacaniano como uma extensão da obra de Freud, porém, no decorrer do mesmo trabalho, Lacan afirma:

“Os meus três não são os dele - Os meus três são o real, o simbólico e o imaginário.” Ressaltando que, o que causa o aparelho psíquico é a linguagem e não necessariamente impulsos internos. Por isso, o trabalho com as figuras topológicas, os matemas e o nó borromeano em oposição ao sistema fechado, através do qual, Freud apresenta sua segunda tópica do psiquismo.

Lacan ainda vai frisar que o conceito de pulsão de morte que o vienense trabalha é uma teorização delirante, principalmente, no que tange seus fundamentos biológicos.

Contudo, fica claro o desapontamento do francês em relação aos rumos que seu ensino tomou e a fracasso das escolas de psicanálise em não conseguirem ultrapassar um modelo de organização hierárquico, não à toa, o discurso de Caracas faz parte do seminário de dissolução.

CARACAS

Já não estou mais me movendo. A prova disso é que eu esperei meu 80º ano para vir para a Venezuela. Vim porque me disseram que era o lugar certo para me encontrar com meus alunos da América Latina. São meus alunos? Não estou a antecipar isso. Estou habituado a criá-los. Nem sempre dá resultados maravilhosos.

Vocês não estão cientes dos problemas que tive com a minha Escola em Paris. Eu resolvi da maneira certa - cortando na raiz. Quero dizer, terminando minha pseudo-Escola. Tudo o que obtive desde então confirma que me saí bem. Mas isso já é passado.

Em Paris, costumo falar com um público onde muitas pessoas me conhecem por vir me visitar em casa, Rua de Lille 5, onde é o meu consultório. Vocês, ao que me parece, são meus leitores. Ainda mais porque eu nunca vi vocês me ouvirem.

Então, obviamente, estou curioso sobre o que pode vir de vocês. É por isso que lhes digo: obrigado, obrigado por terem respondido ao meu convite. Merecem crédito por isso, pois muitos tem se oposto no caminho de Caracas.

Com efeito, parece que este Encontro incomoda muitas pessoas, e em particular aqueles que professam representar-me sem pedir a minha opinião. Por isso, quando me apresento, eles perdem a cabeça.

Por outro lado, devo agradecer a quem teve a ideia deste Encontro, - e nomeadamente Diana Rabinovitch, - com prazer, associo Carmem Otero e seu marido Miguel, em quem confiei para tudo o que acontece com tal Congresso. É graças a eles que me sinto em casa aqui.

Venho aqui antes de lançar minha "*Causa Freudiana*". Vocês vêem que eu me apego a esse adjetivo. Cabe a vocês serem lacanianos, se quiserem. Eu, eu sou freudiano.

É por isso que acho apropriado dizer algumas palavras sobre o debate que estou tendo com Freud, porém não hoje.

Então:

- os meus três não são os dele,

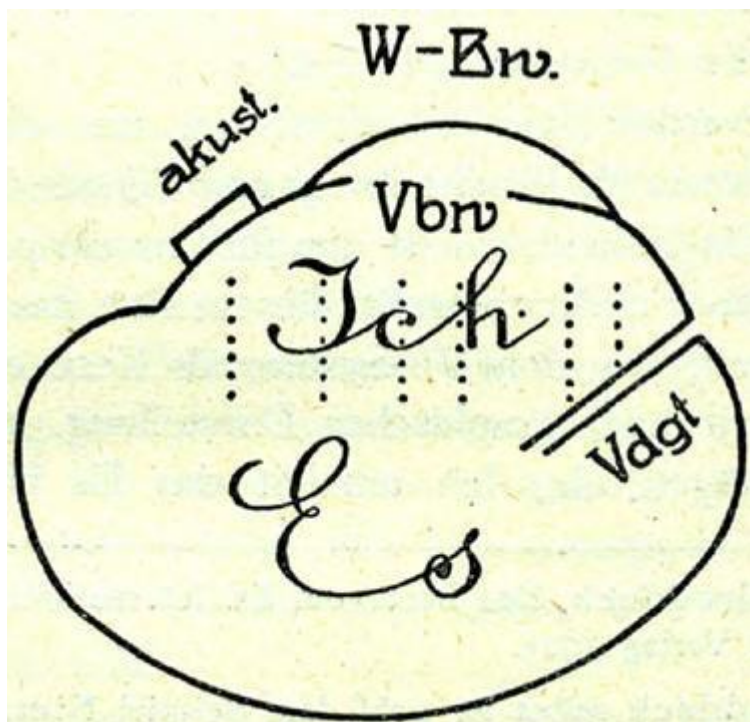
- Os meus três são o real, o simbólico e o imaginário. Cheguei a colocá-los numa topologia, a do nó chamado borromeano.

O nó borromeano destaca a função de pelo menos três. É aquele que amarra as outras duas pontas soltas. Eu dei isso para os meus.

Eu lhes dei isto para que pudessem se encontrar na prática. Mas será que ele se encontra melhor nela do que na atualidade legada por Freud aos seus. É preciso dizer: o que Freud desenhou de sua tópica, chamada "segunda", não é isento de constrangimento.

Imagino que fosse para se fazer ouvir, sem dúvida nos limites de seu tempo. Mas não podemos antes aproveitar o que há na aproximação do meu nó?

Que consideremos o saco fofo acontecendo como uma ligação do Ça no seu artigo a dizer: "*Das Ich und das Es*". Este saco seria o recipiente dos impulsos.



Que ideia louca para triturar assim! Isso só pode ser explicado considerando os impulsos como bolas, para ser expulso dos orifícios do corpo, após ter feito uma ingestão.

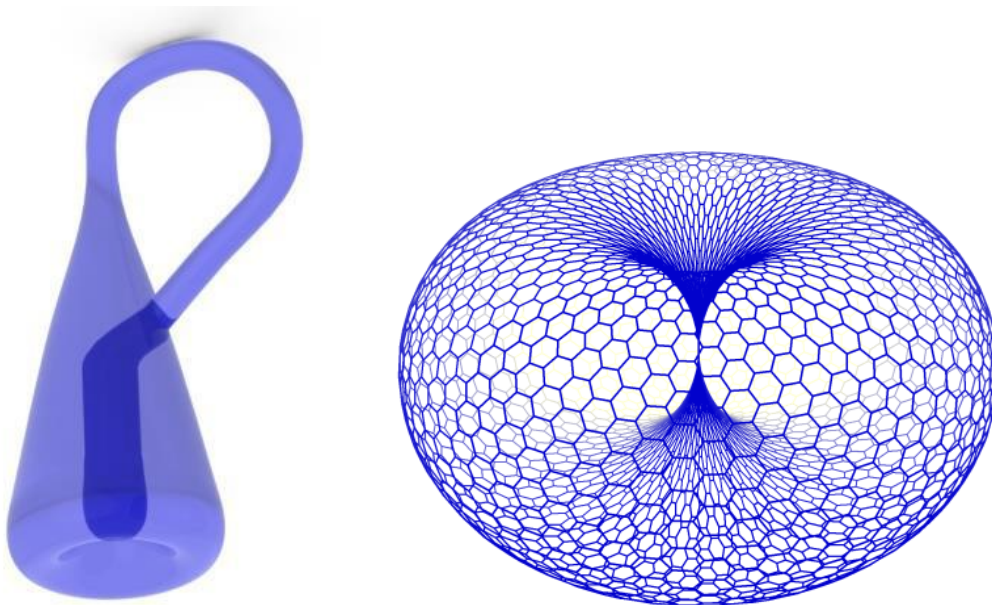
Além disso, um Ego é fixado nele, onde a linha pontilhada de colunas parece estar preparada para fazer uma contagem. Mas isto não deixa menos constrangido que o mesmo seja tapado com um bizarro olho perceptivo, onde para muitos a mancha germinativa de um embrião também pode ser lida como gema.

Isso não é tudo. A caixa registradora de algum dispositivo à la Marey* é complementar aqui. Isso diz muito sobre a dificuldade da referência à realidade.

Por fim, duas barras chocam a relação deste conjunto barroco com o próprio saco de bolas. Isto é o que se designa como o reprimido. Isto é desconcertante. Digamos apenas que não foi a melhor coisa que Freud já fez. Devemos até admitir que ele não é a favor da relevância do pensamento que ele afirma traduzir.

Que contraste com a definição de impulsos de Freud, relacionada aos orifícios do corpo. Esta é uma fórmula luminosa, que impõe uma figuração diferente desta garrafa. Qualquer que seja a rolha.

Não é antes, como eu disse, uma garrafa de Klein, sem dentro nem fora? Ou mesmo, apenas, por que não o toro?



* https://pt.wikipedia.org/wiki/Jules_Marey*

Eu apenas observo que o silêncio atribuído ao "Ça" como tal, pressupõe falar. A conversa que o ouvido espera, a do "desejo indestrutível" a ser traduzida a partir dela.

É notável, porém, que essa interferência não tenha impedido Freud de retornar depois disso às indicações mais marcantes sobre a prática da análise e, em particular, suas construções. Devo me encorajar a lembrar que na minha idade Freud não estava morto.

Claro, meu nó não diz tudo. Caso contrário, eu nem teria a chance de me orientar no que há: já que há, digo, não-todo. De forma alguma, certamente, no real, que me aproximo da minha prática.

Note que em meu nó, o real permanece constantemente representado pela linha infinita, ou seja, do círculo não fechado que supõe. Isto é o que sustenta que só pode ser admitido como não-todo. O surpreendente é que o número nos é fornecido na própria lalange. Com o que ele transmite do real.

Porque não admitir que a paz sexual dos animais, para culpar aquele que eles dizem ser seu rei: o leão, é que os números não entram em sua linguagem, seja ele qual for. Sem dúvida, o treinamento pode dar a aparência disso. Mas isso é tudo.

A paz sexual significa que se sabe o que fazer com o corpo do Outro. Mas quem sabe o que fazer com o corpo de um falante, além de apertá-lo mais ou menos de perto? O que o Outro encontra para dizer, e ainda quando quer? Diz: *"Abrace-me com força"*.

Mudo como repolho para cópula. Alguém sabe como fazer melhor. Eu digo qualquer um - um sapo, por exemplo.

Há um quadro que está na minha cabeça há muito tempo. Encontrei o nome próprio de seu autor, não sem as dificuldades da minha idade. É de Bramantino.

Bem, esta pintura é bem-feita para testemunhar a nostalgia de que uma mulher não é uma rã, que é colocada lá de costas, no primeiro plano da pintura. O que mais me impressionou nessa pintura é que a Virgem - A Virgem com o menino - tem algo como a sombra de uma barba nela. Como ela se parece com seu filho, como ele se pinta como um adulto.

A relação figurativa da Madona* é mais complexa do que se poderia pensar. E não é bem suportada. Isso me incomoda.

Mas o fato é que me situo, creio eu melhor do que Freud, no Real interessado no que está envolvido no inconsciente. Porque o gozo do corpo aponta contra o inconsciente. Daí meus matemas, que procedem do fato de que *o simbólico segue o lugar do Outro, mas não há Outro do Outro*.

Segue-se que a melhor coisa que a lalange pode fazer é demonstrar-se a serviço do instinto de morte. Essa é uma ideia de Freud. É uma ótima ideia. Isso também significa que é uma ideia grotesca.

O mais forte é que é uma ideia que se confirma por isso: que lalange só é eficaz quando passa à escrita. Foi isso que inspirou meus matemas...

tanto quanto podemos falar sobre inspiração por um trabalho que me custou horas acordado onde nem uma musa que eu conheço me visitou

...mas acredito que *isso me diverte*.

Freud tem a ideia de que o instinto de morte é explicado pelo deslocamento para o nível mais baixo do limiar tolerado de tensão do corpo. Isto é o que Freud chama de "além do princípio do prazer" - ou seja, o prazer do corpo. É preciso dizer que este é, ainda assim, em Freud, o índice de um pensamento mais delirante do que qualquer um dos que eu já mencionei.

Claro que não estou contando tudo. Este é o meu mérito. Aí está. Declaro aberta esta Reunião, que diz respeito ao que ensinei. É você, pela sua presença, que me faz ensinar algo.

* Madona Litta (têmpera sobre tela) é uma pintura do início do século XV atribuída por muitos investigadores a Leonardo da Vinci. https://pt.wikipedia.org/wiki/Madona_Litta

